

JOÃO PRÍNCIPE

**O HORIZONTE TRABALHISTA DE ANTÓNIO
SÉRGIO: FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E
ECONOMIA**

Caleidoscópico

Ficha técnica

Conselho editorial: Fernando Catroga, Norberto Cunha, Augusto Fitas, Leonel Ribeiro dos Santos

(2019) *O horizonte trabalhista de António Sérgio: Filosofia, Educação e Economia*, edição patrocinada pelo CEHFCi-IHC e pela FCT,

Vale de Cambra: editora Caleidoscópico.

ISBN 978-989-658-611-9.

ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO

PRIMEIRA PARTE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA

INTRODUÇÃO

ENTRE GENEBRA E LISBOA

A criança à luz da Escola Nova
A recepção ibérica da Escola Nova e de John Dewey
AS e o meio pedagógico progressista republicano

A PEDAGOGIA TRABALHISTA

Self-government e escola do trabalho
A inspiração de Georg Kerschensteiner
Para uma democracia industrial

O PENSAMENTO DE DEWEY E A SUA LEITURA POR SÉRGIO

A motivação filosófica
Guyau e o pensamento do jovem Sérgio
Aspectos globais do pensamento de John Dewey
A pedagogia de Dewey lida por Claparède
Darwinismo, experimentalismo e educação
A escola e a sociedade
Dewey e o início da psicologia funcional
O papel do interesse na educação
A criança e o programa escolar
O crescimento da experiência: fazer e conhecer
Democracia, filosofia e educação: experiência como intelectualização da prática
O interesse da história

EPÍLOGO

SEGUNDA PARTE

O FUNDAMENTO DO PENSAMENTO TRABALHISTA

SERGIANO

INTRODUÇÃO

A INSPIRAÇÃO PROUDHONIANA

Socialismo: Antero e Proudhon

Proudhon: Vontade Geral e papel das elites

Proudhon: pragmatismo e pedagogia trabalhista

TÉCNICA, CONHECIMENTO E CIÊNCIA

A origem da inteligência e a técnica

O desenvolvimento histórico da ciência

O valor da ciência face à sua origem prática

O experimentalismo português de Quinhentos e o caso Galileu

EPÍLOGO

TERCEIRA PARTE

MORAL, CAPITALISMO, COOPERAÇÃO, TÉCNICA E O LIMIAR DE UMA NOVA ERA

INTRODUÇÃO

O PRIMADO DA MORAL

O sentimento moral na obra do jovem Sérgio

Voluntarismo, altruísmo e solidarismo

Kant: O imperativo categórico e a unidade da Razão

A necessidade do experiencialismo e a conciliação pragmatismo-intelectualismo

REFLEXÕES POLÍTICO-ECONÓMICAS DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA

Em prol de uma Democracia com competência técnica

A máquina e o homem no tempo da indústria e da guerra mundial

NO LIMIAR DA ERA DA ABUNDÂNCIA

Sobre o Cooperativismo de Charles Gide

Anotação sobre o historiador-sociólogo

A crítica geral ao capitalismo contemporâneo

Sobre o regime do Estado Novo

Obstáculos à sociedade da abundância: Sérgio e Veblen

EPÍLOGO: SOCIALISMO ÉTICO, HUMANISMO E DESENVOLVIMENTO

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE ONOMÁSTICO

PREFÁCIO

António Sérgio (1883-1969) assistiu durante a sua vida a duas Guerras Mundiais, à revolução soviética de 1917, à Grande Depressão económica de 1929, à crise dos regimes parlamentares europeus e à ascensão de regimes totalitários; no seu país, que é o nosso Portugal, conheceu e interveio intelectual e civicamente durante três regimes – a Monarquia, a Primeira República e o Estado Novo. No contexto português e europeu, viveu durante um período em que Estados-nações mantiveram estruturas de desigualdades socioeconómicas, e em que movimentos diversos tentaram as corrigir ou aniquilar, quer por via reformista, quer por via insurreccional, inspirando-se, com maior ou menor fidelidade, no ideal iluminista de disseminação da razão e de desenvolvimento da autonomia das pessoas, acreditando-se na perfectibilidade do humano. António Sérgio optou nitidamente por uma via pacifista, de socialismo ético, com algumas afinidades com a vertente demopédica de pensadores anarquistas que valorizam a educação como veículo de emancipação e que são muito críticos do Estado e do regime de exploração económico que é o Capitalismo, regime cujo princípio maior é o da maximização do lucro para os detentores do capital. A reforma das mentalidades e o ideal da auto-gestão implicam tarefas para realizar aqui e agora por criação de ‘ambientes livres’, através de escolas que usem novos métodos escolares (em clara afinidade com a ‘Educação Nova’), e com formas de organização económica libertárias, como o são as mutualidades, as cooperativas de produção e de consumo, associações onde o eticismo seja dominante. Mas essa sua aposta concreta, e que lhe custou exílios, prisões e privações várias, é nele acompanhada por um profundo esforço de compreensão histórico-sociológica, apoiado numa clara vocação filosófica, sendo esse o tópico maior que desenvolvemos neste estudo.

Sérgio formou-se num período onde a filosofia que dialogava com as ciências foi incorporando nas suas reflexões o transformismo biológico que eliminava o fixismo da Criação e recolocava o problema da natureza humana ou do modelo antropológico. A História humana, lugar onde o Espírito (hegeliano) se ia manifestando e desabrochando, via-se agora inserida numa temporalidade mais extensa, na qual as sucessivas formas de vida iam surgindo por um lento movimento transformativo - o da evolução das espécies, processo onde um dos

ramos conduzia a nós. Esta evolução era lida por sectores favoráveis ao liberalismo económico e que aceitavam a realidade (e necessidade) das desigualdades económicas como justificando a extensão ao humano do *telos* de aperfeiçoamento que resultava da sobrevivência dos mais aptos num processo de incessante luta pela vida. Ora este *struggle for life* foi claramente denunciado como negação da voz da consciência (moral) pelo nosso Antero de Quental, uma das grandes paixões intelectuais do jovem Sérgio, que às ideias do grande poeta-filósofo dedicou o seu primeiro livro de prosa. Nele Sérgio mostra como o pensamento sobre a moral encontra amplos argumentos oriundos do comportamento animal que são favoráveis a uma atitude altruísta, isto é que mostram as vantagens da cooperação para a preservação da espécie. Mas, o jovem Sérgio preferiu pensar a esfera moral como algo de especificamente humano, ligado a uma predisposição para a construção de uma sociedade pautada pela racionalidade, predisposição que só se actualizava por uma consciente decisão e vontade de caminhar livremente nessa direcção.

A realidade portuguesa do fim da monarquia (sendo que nada mudou subitamente com a proclamação da República) era entendida, em ressonância com as críticas da geração de 1870, como arcaica e, para a modernização da nossa sociedade, a via do apostolado social e da aposta na educação parecia-lhe a ele e a muitos outros intelectuais do início da Primeira República como uma via ajustada. Sérgio integrou-se assim no amplo movimento pedagógico português do seu tempo, mas com um percurso cosmopolita - indo estudar para Genebra que era então o centro europeu do Movimento da Escola Nova, o qual retomava algumas das ideias de Rousseau sobre a espontaneidade e especificidade da criança num contexto bastante mais científico, apoiado numa psicologia que se reclamava experimental e defensora do ponto de vista genético-funcional, valorizando a aprendizagem pelo 'aprender fazendo' e pela valorização da criança como ente social que virá a integrar uma sociedade de adultos, que se quer democrática e onde cada qual se pode desenvolver harmonicamente como pessoa. Do ponto de vista da fundamentação filosófica dos ideais deste movimento o autor do livro *Democracy and Education*, o norte-americano John Dewey, foi dos mais relevantes e António Sérgio soube meditar em ressonância com ele, a partir de uma ampla cultura filosófica cujas simpatias eram para a tradição que incluía Espinosa,

Pascal, Kant e o movimento metafísico-construtivista muito vivo entre os neokantianos espiritualistas franceses da segunda metade do século XIX.¹

Desde o início da sua carreira no mundo das letras, António Sérgio (que é o autor do singelo conto infantil *O Navio dos Brinquedos*, escrito de 1914 no qual se conta como durante a guerra os americanos, que inicialmente não intervieram naquela, enviam brinquedos para as crianças europeias) esteve muito atento à novidade e importância global da realidade norte-americana, jovem e moderna nação onde a relativa estabilidade do regime político, foi acompanhada pelo desenvolvimento de um sistema económico largamente suportado por um avanço na tecnologia e nos modos de organização do trabalho. O capitalismo norte-americano beneficiou também da abundância de matérias-primas, de um espírito religioso particular, do desenvolvimento ímpar do sistema universitário, amplamente financiado pelo crescimento económico. Foi neste quadro, não isento de contradições, que surgiu um modo de pensar filosófico diverso do do mundo europeu - o chamado pragmatismo norte-americano, filosofia melhorista que teorizou a construção de uma democracia industrial. Se já no fim do século XIX se avolumavam problemas sociais, os quais foram mitigados durante a Progressive Age, as contradições vieram a manifestar-se de modo agudo na Grande Depressão económica de 1929, crise cujas ondas de choque se espraíram além-fronteiras, recolocando sobre a mesa o problema da organização da economia, num mundo que via nos ideais liberais ainda um quadro válido e onde alguns espíritos mais optimistas entreviam a possibilidade, de pela via do desenvolvimento científico-tecnológico, construir uma civilização de abundância para todos.

O derrube da Primeira República levou Sérgio a um exílio de mais de um lustro em Paris e aí sentiu em primeira mão a Grande Depressão, a eminência da ascensão dos regimes totalitários e, do ponto de vista mais intelectual, a vivacidade de um racionalismo aberto muito inspirado por um idealismo físico-matemático profundamente marcado pelos sucessos dramáticos das novas teorias dos quanta e da relatividade, sucessos que do ponto de vista filosófico podiam ser lidos como, por um lado afirmando a precedência ou primado da idealidade radical sobre o empirismo dominado pelas categorias perceptivas e/ou sobre a visão mecanicista

¹ A designação metafísico-construtivista é do próprio AS, cf. *Ensaio* I, 'Ciência e Educação', p. 104-105.

clássica (que teriam incorporado o quadro espaço-temporal newtoniano) e por outro a ultrapassagem do agnosticismo pluralista do convencionalismo geométrico de um Poincaré. Sérgio participou também do empenho cívico-político de muitos desses sábios que se reclamavam do racionalismo, caso de Paul Langevin de quem se tornou amigo. E aí encontrou também razões adicionais para se empenhar numa causa para a qual as suas simpatias proudhonianas o faziam interessar-se - o Cooperativismo como modo de elevação cívico-moral a partir da prática económica, isto é do trabalho humano como veículo privilegiado para a construção de uma sociedade, partindo das mais básicas necessidades e de duas das mais fundamentais predisposições humanas - o instinto/poder de fabricação e o instinto/poder de cooperação.

Claro que Sérgio não era ingénuo sobre a realidade humana, onde historicamente séries causais várias, ou melhor, teleologias diversas conflituam: - nas suas interpretações da história de Portugal, ele mostrou como o período áureo das navegações se apoiou num saber técnico-científico, possibilitado por uma mudança dinástica saída de uma guerra civil que legitimava os interesses de uma burguesia marítima, que entretanto se nobilizou; favoreceu-se assim o comércio marítimo de longo alcance que fez a riqueza de uma Europa mais a norte. Sérgio identificou hábitos sociais que se haviam institucionalizado, como o parasitismo associado ao espírito guerreiro que a lenta Reconquista havia favorecido, e denunciou a tendência para o Isolamento e a purificação que se haviam instalado com a perseguição aos judeus, a Inquisição e o monopólio do ensino concedido aos jesuítas, interrompendo-se o nascente movimento técnico-científico que ia estabelecendo pontes com o humanismo erasmiano; - ou, no século que assistiu à extinção das ordens religiosas, a existência de um clientelismo e bacharelismo que se configuravam, ideal-tipicamente, como comunitarismo de estado. A sua desconfiança em relação aos hábitos petrificados é patente na sua crítica ao tradicionalismo dos saudosistas, e ao que designou por ‘espectrismo’ muito comum na sociedade portuguesa; aliás, muitas das suas polémicas intelectuais são-no contra hábitos (pouco reflectidos) ou modas intelectuais como o positivismo cientista de um Sousa Martins e de outros intelectuais da propaganda republicana, o integralismo lusitano (de inspiração francesa) e o materialismo dialéctico (contra o qual mobilizou o idealismo físico-matemático), modas essas que nunca foram inócuas do ponto de vista cívico-político. Como é sabido, os ‘mal-entendidos’

dessas polémicas onde Sérgio era quase sempre mal lido, polémicas que traduzem reais tensões no campo intelectual português, prolongam-se até aos nossos dias. Nesse âmbito, são de destacar, pelo que significam no campo político, as leituras de António José Saraiva e de Victorino Magalhães Vilhena os quais, ambos muito devedores de Sérgio na sua formação, o leram na continuidade da polémica dos anos de 1940 com Bento de Jesus Caraça, favorecendo a redução de Sérgio ao idealismo físico-matemático, tema de facto muito presente nos escritos de Sérgio desse período. Ficou assim esquecido o que Sérgio havia dito sobre a Unidade da Razão, sobre o carácter essencialmente activo e prático dela, da valorização do concreto, da atitude experimental (de constante interacção entre o mental-social e o mundo natural e artificial), da sua pedagogia trabalhista; e claro que os descendentes intelectuais do saudosismo e do anti-intelectualismo bergsoniano também não se lembraram da subtilidade do ideário sergiano, preferindo afirmar a fragilidade da razão e o carácter mítico da presença de Sérgio na nossa república das letras. No entanto, vale a pena recordar que a resposta de Sérgio a Saraiva, no texto *Notas de Esclarecimento*, finaliza com a afirmação de que o que importa “é a obra prática de humanizar os homens pelo efeito transformativo do trabalho humano”, apontando pois o autor dos *Ensaio*s para a sua meditação anterior sobre o trabalho humano. Desse ponto de vista, o presente estudo visa reparar esse esquecimento e recolocar o problema do pensar filosófico sergiano, mostrando como a razão pura prática é o seu núcleo, sendo a mais manifesta e relevante declinação humana da noção metafísica de Actividade a noção de Trabalho, noção que traduz uma predisposição básica da espécie, a qual garante uma interacção objectiva com o ambiente e a viabilidade da espécie, noção na qual convergem assim os aspectos mais importantes da existência e da natureza humana; o Trabalho devidamente entendido é uma das fontes da dignidade humana e nunca pode ser tratado meramente como coisa ou como mercadoria sem que com isso não se avilte a Humanidade; por isso Sérgio colocou o Trabalho no centro do seu modelo antropológico, da sua pedagogia, que designou como trabalhista, e da sua crítica da economia.

A condição do trabalhador moderno está intimamente ligada à existência da máquina e à ultrapassagem da barreira orgânica, não sendo mais a máquina um simples prolongamento das nossas capacidades motoras. O mundo da produção é um mundo cujo design muito deve à ciência e à tecnologia, e hoje ao complexo

tecnocientífico cujo emaranhamento é único (em boa parte devido às suas íntimas relações com o Mercado, com o Capital e o seu imperativo). Este emaranhamento, cheio de conflitos e contradições, foi denunciado por Sérgio, constantemente preocupado com as mutações das formas de opressão, que tinham na nova organização do trabalho (taylorização) mais uma possibilidade de criação de desigualdades, agora por dominação pela classe burocrática dos organizadores da produção. O pendor prático do filosofar de Sérgio sempre favoreceu a preocupação com os factores materiais e tecnológicos, e por isso Sérgio afirmou, na senda de um Thorstein Veblen e precisamente no momento histórico em que eram claros os sinais de que uma nova Grande Guerra iria eclodir, que a aplicação judiciosa da ciência e da tecnologia podia levar à construção de uma era de abundância para todos e de paz, pois a cuidadosa planificação da economia permitiria às nações viver na sua casa, e permitiria a co-habitação do trabalho de produção e do ócio criativo, do despontar de um Reino dos Fins ou de Cristo entre nós.

Importa dar uma breve explicação de porque o título deste estudo utiliza a palavra ‘horizonte’. Trata-se aqui de uma reconstrução de um pensamento por desenvolvimento de argumentos e inquérito da sua genealogia e do estabelecimento de pontes naturais com o pensamento de outros autores, tendo nós o intuito de o apresentar com uma unidade e profundidade que porventura só uma leitura muito atenta e extensa da obra de Sérgio por leitores seus contemporâneos de grande cultura poderia fazer intuir; e com o propósito claro de o situar num quadro cosmopolita de pensamento social que propôs uma terceira via intermédia entre o capitalismo das grandes companhias monopolistas e da alta finança e a tendência organicista e estatizante, as duas tendências que de facto foram dominantes no período da vida de Sérgio. A palavra ‘horizein’ em grego significa delimitar, rodear de uma fronteira, donde o sentido de linha ou círculo que limita a vista. Cada um dos objectos e suas inter-relações de que nos vamos apercebendo está dentro no nosso horizonte, o qual é função do nosso ponto de vista, da nossa posição geográfica; os objectos ao alcance da vista são correlativos desse horizonte, isto é de uma totalidade de carácter mais vago que os integra e que, de algum modo, os precede e que ajuda a lhes dar sentido – o sentido de um objecto estabelece-se sempre pelo inquérito de relações com o que está à volta, num processo de sucessiva adequação; o horizonte tem um limite que é a linha do horizonte. O horizonte tem carácter dinâmico, pois acompanha o movimento e a

posição de quem vê, podendo crescer e intensificar-se com a elevação de posição que implica um esforço no movimento. A ideia de horizonte distingue-se de uma outra com a qual tem natural afinidade – a de perspectiva: uma perspectiva pode ser re-orientada e aperfeiçoada, enquanto um horizonte pode ser alargado ou diminuído; idealmente, há sempre um ponto cujo horizonte abarca potencialmente todas as formas existentes. Um horizonte pressupõe uma estreita conexão entre a acção e a contemplação, porque o horizonte pressupõe o movimento esforçado até à posição em que se vê, e a própria contemplação é activa no esforço de discernimento de formas e relações; a dimensão estética é também fundamental, se se procurar um ponto de vista onde o horizonte surge harmonioso, como na subida ao cume de uma montanha, ou na gávea de uma nau; decerto Sérgio seria sensível ao aspecto marítimo da metáfora.

Se remontarmos à noção kantiana de horizonte, que surge no quadro das relações sistemáticas entre princípios de natureza transcendental que dão condições de possibilidade à experiência, e se a prolongarmos analogicamente para uma noção de horizonte de um pensador, trata-se de mostrar, na sua dinâmica, a extensão do seu saber, a dos variados problemas que foram suscitando a sua reflexão, tendo em conta simultaneamente a capacidade que foi exercitando e a finalidade ou visão unitária a que se foi elevando. Kant, no ‘Apêndice à dialéctica transcendental’ da *Crítica da Razão Pura* (C1, A658/B686), introduz a noção de horizonte para tornar sensível (trata-se a nosso ver de uma metáfora) a unidade sistemática dos grandes princípios lógicos da Razão com função heurística (os de homogeneidade, de especificação e de continuidade das formas); ela remete para aquilo que é abraçado a partir de um ponto de vista, e para a ideia de uma sucessão de sub-horizontes (cada um com o seu ponto de vista mais particular, mas que nunca se reduz a um único ponto ou indivíduo) que estão (potencialmente ou em acto) subtendidos pelo horizonte mais vasto; Kant dá-nos esta imagem num quadro em que os dois movimentos que geram o inquérito científico, o de especificação (das espécies pertencentes a um género) e o de homogeneidade (subsunção de espécies em géneros de sucessiva maior generalidade) vão assintoticamente cobrindo numa classificação geral o todo do conhecível, o que é garantido pelo terceiro princípio, o de afinidade ou de continuidade, que faz a síntese dos dois primeiros (por exemplo a afinidade entre as órbitas dos corpos celestes que atravessa o sistema solar encontra-se no movimento de corte de um cone por um

plano, que gera as diferentes linhas cónicas, círculos, elipses, parábolas e hipérbolas, a afinidade entre trajectórias de planetas e cometas vem sintetizada na lei de atracção universal newtoniana). O horizonte tem sempre os seus limites, que importa precisar, e há sempre um ‘fora’ do horizonte; Kant crê que o processo de ascensão em que os sub-horizontes vão sendo partilhados, postos em relação, permite conceber a ideia de um horizonte comum, universal e verdadeiro (C1, A659/B687). Se prolongarmos esta ideia de Kant, favorecendo uma visão experiencialista pós-darwiniana, o horizonte surge de uma dialéctica ou de uma interacção, que tem o seu quê de contingente e de inesperado, embora do lado daquele que percebe o seu horizonte haja sempre uma intenção e uma finalidade nesse seu movimento o qual necessita de ajuste constante.²

Alguns recordarão, a propósito do bom modo de reconstituir o pensamento de um filósofo, a noção ideal-típica sergiana, dos idos de 1930, de um cartesianismo ideal, exercício de elaboração da “doutrina ideal de um filósofo [que] é o limite para que ela tende quando despojada das limitações devidas ao circunstancial”, doutrina a que “chegaria um crítico que se metesse a desenvolver com a mais perfeita coerência as concepções características de cada filósofo (as suas teses centrais, essenciais e próprias, as de raiz no sistema) explicitando as consequências dessas teses básicas e deixando ao mesmo tempo cair no olvido, do conjunto de juízos que o pensador nos deixou o que não pode ligar-se com perfeita lógica às proposições características da sua obra”. Aliás, Sérgio falou de um ‘kantismo ideal’ e de um ‘platonismo ideal’ sendo certo que sentiu simpatia pelos dois, apesar de perceber a tensão entre eles, visto que a revolução copernicana de Kant e o seu ideal de unidade da Razão não comporta porventura o mesmo tipo de afirmação ontológica que os progressos das ciências físicas fizeram Sérgio se sentir pronto a afirmar, ao falar de ‘platonismo ideal’. O nosso inquérito tem em consideração tal ideal, que pressupõe a autonomia da esfera intelectual e a possibilidade de um indivíduo se tornar sede de uma elevada arquitectura mental concernente à meditação sobre as condições gerais da experiência humana e da estrutura do conhecimento e do cosmos, mas a nossa abordagem adopta um outro ponto de vista, bem mais historicista ainda que crítico, aplicando-se a um

² Mais tarde, Husserl falava de um horizonte de expectativas (*horizon d'attente*), algo como um campo de ideias-forças de fronteira imprecisa, manancial de ferramentas para a compreensão e transformação social da realidade, portador de esperanças e ideais e gerador de antecipações, de possibilidades de concretização, o qual se desloca e amplia com o pensar-acção do seu actor.

autor que não nos deixou nem quis deixar um sistema, inscrevendo-se assim numa linhagem de filósofos e pensadores onde são de destacar, pela proximidade, os franceses Alain e Léon Brunschvicg. Note-se que faz parte da especificidade do nosso filósofo o ter ele também dado um importante contributo para o pensamento histórico-sociológico e pedagógico em Portugal, e também de ter encarnado o ideal antigo da comunhão entre o pensar e o agir, longe da figura do filósofo académico que vive solitário sentado numa cadeira.³

Sérgio deixou-nos uma pista metodológica que torna a ‘reconstituição de um horizonte’ uma concepção ajustada ao seu caso, numa perspectiva de história das ideias, e que nos afasta um pouco do ideal-tipo associado à ideia de ‘sergismo ideal’, o qual aliás pode ter estrutura plural, dada a insistência na demopedia, no espírito ensaístico e na problemática emancipadoras. O pensamento filosófico sergiano é dominado por um ideal totalizante, mas o modo de movimento na direcção do Todo-Uno, aquilo que ele designava por Uno-Unificante, opunha-se a todo o monolitismo, afirmando-se sempre uma atitude experimental e atenta à multiplicidade, o que é muito diverso de um atitude pós-moderna que prefere o perspectivismo e recusa a possibilidade da elevação ao ponto que permite o horizonte universal e verdadeiro kantiano. Uma das dimensões da atitude holística sergiana é a da necessidade de prosseguir a investigação problemática em diversas direcções e domínios, o que ele amiúde ilustrava com duas máximas: de Goethe : “Se queres caminhar para o infinito, - caminha no infinito em todos os sentidos”; de Pascal: “On ne montre pas sa grandeur pour être à une extrémité, mais bien en touchant les deux à la fois et remplissant tout l’entre-deux”. Tal atitude é patente no espírito e na produção ensaística de Sérgio, que surpreende pela variedade caleidoscópica de tópicos, e merece ser meditada.⁴

O leitor observará que o método genético é por nós usado de modo sistemático mas com cuidado, ao reconhecer que, apesar de existirem semelhanças ou claras ressonâncias entre as ideias de Sérgio e as ideias de outros autores que são hoje

3 Anotação manuscrita, cf. PRÍNCIPE 2004, p. 105; cf. AS 1943b, p. XXIV.

4 Cf. AS 1941, p. 14. “Willst du ins Unendliche schreiten, Geh nur im Endlichen nach allen Seiten”. In Goethe, W. (1827) *Ausgabe letzter Hand*. 1827, secção : Gott, Gemüt und Welt. O excerto de Pascal pertence ao número 353 da edição dos *Penseés* de Léon Brunschvicg de 1897 (Paris).

considerados nomes maiores no panorama internacional das ciências sociais ou da filosofia, não se pode falar em influência directa resultado da leitura de um dado autor, antes se devendo pensar as fontes de inspiração em termos de redes inter-autorais, nas quais os seus membros não se conheceram directamente existindo entre eles pontes bibliográficas, perceptíveis no uso de grelhas conceptuais ou de suas partes funcionais num tecido mais rico e variado da lavra do nosso Sérgio. A semelhança de ideias pode também em certos casos indiciar mais uma ‘descoberta simultânea’, resultado de uma reflexão extensa e profunda a partir de problemáticas próprias e bastante concretas, como é o caso daquelas associadas à compreensão do poeta-filósofo Antero ou da interpretação e compreensão da história de Portugal.

Convém não esquecer que o método ensaístico de António Sérgio tem o seu equivalente epistemológico na afirmação do primado das hipóteses (generalizações) no método científico, tal como foi afirmado nas reflexões de um Helmholtz ou de um Poincaré. Ora, António Sérgio é possuidor de capacidades raras no que toca à heurística, o que aliás se apoia na capacidade intuitiva de síntese a partir da vastidão e carácter cosmopolita das suas leituras nas mais diversas áreas da cultura, em particular nos campos da filosofia, e das nascentes ciências sociais. Grande parte do trabalho de articulação no detalhe que, de alguma forma, está ausente nos *Ensaio*s de Sérgio corresponderia ao desenvolvimento e consolidação ou invalidação das hipóteses/problemáticas formuladas, e essa herança foi assumida, mais ou menos explicitamente, por investigadores de gerações posteriores.

Este trabalho beneficiou do facto de muitas das ideias aqui expostas terem sido apresentadas e discutidas no âmbito das Jornadas inter-universitárias ‘Revisitar António Sérgio cinquenta anos depois’ (2019, Coimbra, Famalicão, Lisboa, Évora, Gaia). Gostaria de agradecer a todos os que, de um modo ou de outro, contribuíram para que este trabalho se concretizasse, em particular a Paulo Abrantes, Maria do Rosário Branco, Fernando Catroga, Norberto Cunha, Augusto Fitas, José Luís Garcia, Álvaro Garrido, Carlos Morais, Sérgio Campos Matos, Fátima Nunes e Leonel Ribeiro dos Santos. Dedico esta obra à memória de Hermínio Martins, pensador de espírito filosofante cujos ensinamentos me abriram o horizonte para as relações complexas entre técnica, ciência e sociedade.

PRIMEIRA PARTE

EDUCAÇÃO E FILOSOFIA

‘Façamos o estudante fazer e teremos ocasião de o fazer sapiens.’

‘A teoria é intelectualização da prática, e sucede que a prática, por isso mesmo, se torna todos os dias mais teórica.’

‘O verdadeiro pensamento democrático é um pensamento não dogmático, e a maneira experimental de proceder é a única maneira não dogmática.’⁵

INTRODUÇÃO

Com o início da Primeira República AS abandonou o projecto de uma carreira de oficial da Marinha e foi-se interessando cada vez mais pelas questões ligadas ao nosso destino colectivo. Iniciando um percurso de publicista e de intelectual civicamente empenhado, AS participará na Sociedade de Estudos Pedagógicos desde a sua criação em 1910 (com João de Barros, etc.) e a partir de 1912 integrará o núcleo lisboeta do movimento cultural e cívico Renascença Portuguesa (RP), o qual cria Universidades Populares e desenvolve importante actividade editorial.

Na *Revue de métaphysique et de morale*, revista francesa que é fundada em 1893 por um conjunto de jovens filósofos de pendor racionalista, AS vai encontrar um artigo, publicado em Maio de 1912 sobre Jean-Jacques Rousseau e a concepção funcional da infância. É seu autor o psicólogo funcionalista e pedagogo suíço Édouard Claparède (1873-1940), figura maior da intelectualidade suíça e fundador do recém criado Institut Jean-Jacques Rousseau (Escola de Ciências da Educação da Universidade de Genebra). Em 1914, Sérgio e sua esposa Luísa partem para Genebra para aí estudar, e aí permanecerão por largos períodos entre 1914 e 1916. Essa aprendizagem no principal centro europeu da Escola Nova ajudará AS a formar um ideal de escola activa, com um ensino centrado no crescimento da criança, no qual se parte dos seus interesses concretos e da sua natural imersão na sociedade, ideal que

⁵ Anotação manuscrita no volume DEWEY 1913; AS 1939, p. 8, AS *Democracia* (1934) in AS 1974, p. 98. Em geral, citamos a partir das edições modernas (da Sá da Costa e da INCM). Abreviaturas: AS – António Sérgio; JD - John Dewey; E. – *Ensaíos*; SN - Seara Nova; RP – Renascença Portuguesa. A truncatura de um texto vai assinalada, em geral com reticências - ... – que correspondem ao retirado.

AS desenvolve com o claro propósito de contribuir para a resolução da questão social portuguesa, isto é : a escola, formadora das novas gerações, tem por função o contribuir activamente para a correcção dos males da sociedade portuguesa, males amplamente glosados pelos intelectuais da geração de 1870 (onde se destacam Antero de Quental e Oliveira Martins) e que serão alvo de análise histórico-sociológica em muitos dos textos de AS escritos nas décadas de 1910 e 1920.

AS será presença constante no debate republicano sobre a função da Escola. Se entre os pedagogos republicanos há unanimidade em torno do valor da escolarização para o progresso, existe clara divergência de opiniões quanto ao mérito de reformas centradas na alfabetização, a qual remete para o binómio instrução-educação, entendendo-se por instrução a aquisição de conhecimentos básicos (como o ler escrever e contar) e por educação a formação integral do indivíduo onde é fundamental o cultivar de uma atitude moral, cívica e social. AS afirmará resolutamente o primado da educação, seguindo assim a posição de Adolfo Coelho (1847-1919), um dos camaradas de Antero nas Conferências do Casino. AS e os seus companheiros adeptos da Escola Nova farão pender o debate, já para o fim da República, em favor da primazia da educação, mostrando o excesso dos sectores republicanos que sacralizavam a simples alfabetização, em detrimento de uma concepção mais integral do ensino.⁶

Neste capítulo, seguindo o espírito geral desta obra, cuidaremos sobretudo do pensamento filosófico sergiano sobre educação. Começaremos por uma breve contextualização, descrevendo primeiro o movimento da Escola Nova e o seu impacto na Península Ibérica; em seguida, referiremos as ligações concretas de AS ao meio progressista republicano para passar depois à análise do seu pensamento pedagógico; aqui começaremos pelo traço mais saliente dele – o ser uma pedagogia trabalhista, que pretende ser uma solução para o problema cujo diagnóstico vinha sendo feito por Alexandre Herculano e pela geração de 1870; o combate aos vícios ancestrais do parasitismo e do comunitarismo tradicionalista, cuja versão contemporânea é o comunitarismo de Estado, caracterizado pelo clientelismo e bacharelismo, implica uma reforma de mentalidade, na qual a reforma do sistema educacional é central,

⁶ Ver PINTASSILGO 1998, p. 62-66; não significa isto uma vitória do ideal da Escola Nova.

visando-se, numa primeira fase, o criar uma elite capaz, imbuída de espírito melhorista e inovador.

A sua pedagogia encontra na ideia de self-government, inspirada pelo ideal municipalista de Herculano, e na noção de trabalho, tematizada por Proudhon, elementos centrais correlativos; AS irá pensá-los de um modo cosmopolita, procurando adaptar soluções estrangeiras ao caso português, apontando a um ideal humanista de valorização da dignidade, do crescimento da personalidade, segundo uma ética solidarista, de cooperação. Do ponto de vista da fundamentação filosófica, e psicológica, as reflexões de AS irão incorporar organicamente vários dos elementos centrais do pensamento de John Dewey, como o ideal de ‘crescimento ou desenvolvimento da experiência’, a distinção entre ‘interesse e esforço’, a preocupação com a sobrevalorização do programas, o ‘learning by doing’ e o ideal de uma escola como embrião de uma sociedade democrática; AS valorizará a ideia de ‘experencialismo’ e de ‘intelectualização da prática’, da conexão íntima entre teoria e prática; incorporarão também uma conceptualização da noção de ‘Trabalho’ que é central no ideário sergiano, tema que abordaremos em detalhe na segunda parte.

A inspiração deweyana faz de AS uma figura axial na recepção ibérica do pensamento do pedagogo, filósofo e intelectual norte-americano, a qual só foi possível pela sólida formação filosófica prévia de AS, que lhe permitiu uma empatia esclarecida para com o pragmatismo e humanismo de John Dewey, cujo pensamento foi descobrir em Genebra.⁷

⁷ AS permaneceu fiel às suas convicções sobre pedagogia ao longo de toda a sua vida; por exemplo a sua apresentação da tradução do *Emílio* de Rousseau (excertos), publicada em 1940, podia ter sido escrita cerca 1920; e *Educação Cívica* foi republicado em 1954, o que favorece a tese de uma continuidade (que não significa fixidez) no ideário filosófico (o qual comporta, para usar uma linguagem kantiana, um reflexão sobre a ‘razão pura’, digamos sobre o acto de conhecer considerado ‘em si’ e na qual se valoriza a ciência desinteressada e a fantasia, e sobre o seu uso concreto, a ‘razão pura prática’, na interacção social e na intervenção tecnológica), a qual subscrevemos.

(...)

EPÍLOGO

Em 1916, no seu livro *Education and democracy*, Dewey nota que “se concebermos a educação como o processo pelo qual se formam disposições fundamentais, intelectuais e emocionais relativamente à natureza e aos nossos semelhantes, a filosofia deve inclusivamente ser definida como a *teoria geral da educação*”.⁸ A filosofia da educação pensa o crescimento e desenvolvimento da nossa experiência em constante e sucessiva interação com o ambiente, humano, natural e técnico e por isso pensa os aspectos e condições centrais dessa experiência, nas vertentes psicológica, lógica, social; citemos AS:

Para o ensino ser bem feito, deve ter por base os gostos, os desejos, os interesses dos estudantes: é a sua condição *psicológica*. Depois é necessário que dê ideia de como se descobrem os conhecimentos, como deve ser o funcionamento da nossa máquina de pensar: é a condição *lógica* de um bom ensino. Depois ainda, devemos lembrar-nos de que o indivíduo é uma consciência social, é o cidadão de um certo país, e que cumpre orientar o estudante para ser um bom membro da sociedade; é a condição *social* de uma boa escola e de um bom ensino.⁹

O estudo da condição psicológica levou AS, em consonância com Dewey e com Claparède, a adoptar uma concepção genética que reconhece a especificidade e papel central da infância. A consciência dos adultos, em particular o que se designa por consciência moral, é algo que se vai constituindo durante a infância, num processo de constante intercâmbio com as coisas e com os outros, processo de desenvolvimento psíquico onde se constituem e interagem aspectos expressivos, motores e lógicos. Naquele que é talvez o seu mais denso ensaio, ‘Educação e filosofia’ (circa 1920), AS escreveu:

Verifica-se, quando se estuda o desenvolvimento psicológico das crianças, que as primeiras diferenciações que se formam no seu espírito são concernentes a pessoas: elas começam a diferenciar as várias impressões de que têm experiência segundo as criaturas que lhes dão causa, associando a este ou àquele vulto as maneiras dissemelhantes por que se sentem embaladas, transportadas, etc. Isto é: as suas atitudes mentais em relação a pessoas diferem das que tomam com respeito a coisas, e incluem a tendência a distinguir os indivíduos; mais rigorosamente: as experiências havidas grupam-se em constelações, das quais cada uma

⁸ DEWEY 1916/2016, p. 383.

⁹ AS 1924, p. 1.

corresponde a uma pessoa. Depois, pouco a pouco, vão imitando os que a rodeiam, e ganhando a noção de corpos que se movem, entre as quais a do próprio corpo; a esta noção vêm juntar-se *os sentimentos dos seus esforços*, mais ou menos vitoriosos no complexo motor da sua vida; e nasce assim o *subjectivo*, a face interna do seu viver. A seguir, esta face interna, este *subjectivo*, é considerado existente nos demais corpos que se deslocam; as pessoas, para a criança, passam também a ser *eus*, a possuir *subjectividade*. Marca isto o advento de uma consciência já completa, que nos aparece polarizada: *eu – ele*, - e começam as projecções ininterruptas destes dois pólos entre si: o sentimento do *eu* cresce por imitação dos vários *eles*, dos vários *outros*; a noção de cada *ele* é construída e vitalizada com o sentimento do *eu* próprio.¹⁰

A infância é uma fase de eminente plasticidade (característica de juventude espiritual que se pretende salvaguardar em todas as idades) onde a aprendizagem efectiva se faz a partir dos imanentes impulsos e interesses da criança. Diz-nos AS:

Todos nós, quando estudamos, somos impelidos por um interesse, um sentimento, uma paixão, - por uma coisa que nos atrai, em que vemos o nosso bem. Para que o estudo seja profícuo (para que seja como deve ser) é necessário que os nossos alunos estudem as coisas por interesse *deles*, espontâneo e natural, e não por interesses indirectos, por motivos artificiais, como por exemplo, para agradar ao pai e à mãe, sair aprovado nos exames, ou comprazer com o professor. Ora os interesses espontâneos, nas crianças vão ligados às acções. O prazer delas está na acção. Coisas há, em suma, que as crianças gostam de fazer. O que é preciso, portanto, é procurar as várias coisas que elas gostam de fazer, determinar que coisas sejam, e levá-las a estudar, para poderem fazer o melhor possível isso que gostam de fazer.¹¹

A condição psicológica integra pois uma concepção funcionalista, que afirma o carácter dinâmico do psiquismo, cuja mola interna impulsiva promove activamente interesses que surgem da natural interacção com o meio (onde se destacam naturalmente os *outros*) num processo centralizado, unitário e consciente de posição e de constituição do Eu (Self), da pessoa; essa interacção não é adequadamente compreendida com base no dualismo corpo-espírito uma vez que a aprendizagem inicial que forma a consciência envolve os corpos, quer do ponto de vista da motricidade quer do ponto de vista da expressão, e a actividade de ‘fazer’ tem carácter unitário psico-sensitivo-motor, como o exemplificam os trabalhos manuais. A

¹⁰ AS E. I, p. 155, ed. Sá da Costa (transcrevi a partir da 1ª edição, p.145-146). Como veremos na terceira parte, AS tomará aqui como o ponto de partida da moralidade um princípio dialógico, o da “consciência do outro-eu, do ‘sócio’, do ‘semelhante’, do companheiro”, formando-se essa consciência, sede de ideias, através da interacção, do facto básico (como que um instinto para) da “tendência a participar num intercâmbio de vida psíquica”. Este telos é uma predisposição básica, tal como o é também a “tendência a conseguir uma superior harmonia interna, o mais constante e completa possível, entre a ideia do eu e dos outros, entre todas as representações e atitudes sociais dos indivíduos”; cf. AS E. I, §7, p. 149 e §9, p. 157-158.

¹¹ AS 1924, p. 1.

compreensão da construção de uma experiência unitária parte de uma perspectiva anti-associacionista, para a qual não há processos psíquicos isolados que tenham o seu fim em si próprios antes concorrendo para uma finalidade global de que são função. Neste modelo antropológico, no qual se reconhecem disposições básicas que impelem e necessitam de exercício, nega-se a existência de faculdades separadas, valorizando-se a simbiose do conhecimento, da vontade e do sentimento, que estão implicados na acção, no processo de constante interacção com as coisas e com os outros nossos semelhantes. Por isso AS afirma:

Todos dizem e repetem que o objecto do ensino não é o armazenamento de conhecimentos; mas raríssimos *assimilaram* realmente esta ideia. Continua-se a proceder como se o cérebro fosse *caixa* para guardar ideias, e não aquilo que realmente é: um *instrumento* para guiar a acção.¹²

Este vincar da nossa condição activa, ligada ao facto de sermos seres vivos em troca constante com o ambiente, é um elemento biológico que a filosofia racionalista deve incorporar ao naturalmente admitir os avanços científicos trazidos pelo transformismo biológico, em particular pelas ideias de Darwin, e vem precisar o activismo presente nas filosofias de Kant e de Fichte (que favorecem as ideias de pessoa como ente racional, social e espiritual, que age impellido pelo imperativo categórico e pela sua estrutura transcendental, unitária e teleológica), no sentido do primado da prática ou melhor da concepção do desenvolvimento ou crescimento da experiência como a intelectualização da prática, onde o método experimental, científico, cuja síntese filosófica se pode chamar experiencialismo, traduz por excelência a condição lógica da aprendizagem; nele se liga a busca de sistematicidade do *logos* clássico, o postulado da universal inteligibilidade, ao carácter hipotético, instrumental e prospectivo, que se manifesta no método ‘evolucionista’ do *trial and error*, do tentame, da problemática, do ensaio; o que, ao pensar-se na sua aplicação à aprendizagem da criança (em particular no ensino de temas que mobilizam as ciências naturais), se traduz na valorização do método regressivo como condição lógica que realiza a condição psicológica:

O processo do bom ensino [das ciências naturais na escola primária] é o processo da *redescoberta*: isto é, fazer percorrer ao estudante, na aula, a própria marcha que seguia o

¹² AS 1924, p. 1.

sábio ao descobrir o conhecimento. Diante de qualquer dificuldade que encontramos na nossa vida – surge um problema. Queremos saber, por exemplo, a causa de um fenómeno, - ou, melhor dito, a história desse fenómeno. Que faz o sábio? – Concebe uma certa hipótese, supõe que uma certa coisa é a causa do dito fenómeno. E depois? Imagina uma experimentação que verifique a dita hipótese.¹³

Quanto à reflexão sobre a condição social, ela é omnipresente em toda a filosofia de Dewey e de AS, e tem uma significação moral evidente. Acredita-se que durante o processo de efectiva aprendizagem, objecto e fim dos métodos da Escola Nova, é possível libertar ou fazer florescer a racionalidade através da interacção com os outros numa base de reciprocidade. Essa racionalidade que se quer fazer florescer é íntima com o ideal democrático, personalista e solidarista. No texto de 1924, publicado na revista portuense *Educação Nova*, sobre o ensino das ciências naturais na escola primária, que estamos citando, um dos dois exemplos de aprendizagem esmiuçado deixa isso evidente – o inquérito sobre as condições de existência e desenvolvimento dos mosquitos parte do reconhecimento da sua nocividade à saúde e bem estar dos humanos; os alunos vão aprender na prática como os matar (no estado larvar encontram-se à superfície de águas estagnadas) simultaneamente estudando o ecossistema e aprendendo a divulgar junto da população os resultados da útil pesquisa; isto permite a AS enunciar as condições sociais: “Primeira, fazer praticar os actos cívicos, de serviço social; segunda, dirigir os alunos para o género da vida em que são mais úteis à sociedade, mais colaboradores no bem comum”.¹⁴

AS e Dewey têm em comum um ideal de filosofia onde a interacção entre o particular e o geral, entre o concreto e o teórico é constante. A atitude do pragmatismo de Dewey é a da vigilância constante sobre as consequências da teoria, as quais a aferem concreta e experimentalmente; e recorde-se que a vigilância (tal como o experiencialismo) é para AS elemento central da vida democrática – “Democracia é, sob o ponto de vista político, o regime em que são fiscalizados os governos pelos representantes da opinião pública”, - pois as consequências das afirmações e actos dos governantes são significativas, da maior relevância para as nossas vidas. Este é o aspecto da concepção pragmatista da verdade que é inteiramente compatível com o

¹³ AS 1924, p. 4. A marcha lógica regressiva, analítica, da indução, que vai do concreto para o abstracto, dos factos para as condições que as regem, dos efeitos para as causas, dos fenómenos para as leis, que é a marcha do processo de descoberta científica surge descrita por exemplo no prefácio AS 1926a, cf. PRÍNCIPE 2004, p. 36.

¹⁴ AS 1924, p. 4. AS usa este exemplo partindo do livro de C. F. Hodge, *Nature, study and life* de 1902.

pragmatismo absoluto de AS, onde o absoluto significa que o ideal da dignidade da pessoa humana é incondicional e regulador de toda a acção. Uma das suas vertentes é o de reconhecer como função essencial da filosofia a de nos permitir ver claro, o que se traduz na necessária constante interacção ente teoria e prática, onde aquela ilumina esta e esta corrige a primeira. Vale a pena citar aqui palavras escritas em 1934, sobre a importância de escrever livros (também no contexto do ensino primário) contendo pensamentos claros e com implicações práticas precisas, trecho onde AS descreve problemas de mentalidade da nossa classe letrada:

Sim, há que editar livros de uso para o povo; mas há que editar, além disso, uma boa literatura pedagógica *prática*, destinada aos professores de instrução primária. Reparem V. Excelências, como eu disse *prática*. Não me refiro, portanto, àquelas vagas doutrinas gerais acerca dos princípios da pedagogia, - nem, tampouco, aos eruditismos tecnicistas da psicologia experimental e pedagógica. Não meus Senhores, nada disso. Quem declame generalidades filosófico-pedagógicas, por um lado, e quem nos fale, por outro lado, dos tecnicismos e dos cálculos da pedagogia experimental, - vamos nós tendo em larga cópia. A mentalidade da nossa gente, como sabem, revela tendência para os dois extremos: ou uma retórica fumarenta com altas pretensões a filosofia (como se a filosofia, não consistisse, ao cabo de contas, num esforço excepcional para ver claro), ou um estéril eruditismo de microscopia pedantesca. O que reclamo são guias práticos, concretos, minuciosos, muito simples – semelhantes pelo prático, aos livros de receitas para cozinhar, - que expliquem bem ao professorado primário como se pode dar uma lição moderna, concreta, experimental e intuitiva, sobre o gato, sobre o coelho, sobre o mosquito, sobre a galinha¹⁵

As concepções pedagógicas e filosóficas presentes nos textos do período da Primeira República manter-se-ão idênticas com o passar do tempo. Assim em 1939, AS publicará uma compilação desses seus textos, incluindo subtis remodelações. Começando com as concepções de base, de natureza filosófica ele escreveu:

Só sabe praticar na perfeição quem sabe a teoria do que pratica, e o carácter da produção moderna é ser dirigido pelo método científico. É uma função de teoria a de escolher e de ordenar, da prática passada e da presente, aquilo que, por ser geral, poderá ser utilizado na prática futura; *a teoria é intelectualização da prática*, e sucede que a prática, por isso mesmo, se torna todos os dias mais teórica. Peço, pois, tanto no ensino secundário como no primário, uma instrução teórica geral; mas peço que a teoria saia da acção, E volte a acção; parta da prática imitativa para chegar à prática científica. Não há razão para distinguir no ensino um pensamento teórico de um pensamento prático, o mundo da especulação de um mundo da acção. A “experiência é madre das coisas”, diz Duarte Pacheco, “por ela soubemos radicalmente a verdade”: princípio excelentíssimo, sem dúvida alguma, desde que se não esqueça que a mesma experiência não é mero recebimento de uma acção externa, mas sim o resultado de uma iniciativa do espírito, no qual as teorias por ele aceitas são sempre um factor

¹⁵ AS 1934b, p. 36-37.

constituente. A mais simples percepção pressupõe saber, interpretação, ideias; na experiência o espírito e a natureza estão sempre unidos, correlativos: nenhum se deixa separar do outro.¹⁶

O esquecimento da forte componente pragmatista no pensamento de AS, comum nos estudos sobre Sérgio, é em larga medida devido à difícil recepção de Dewey na Europa e no mundo latino (o que inclui um continuado desinteresse por este pensamento). É certo que na primeira metade do século XX, a sua filosofia foi frequentemente incompreendida na Europa, e o generalizado conhecimento do seu pensamento sobre métodos activos de educação, entre os sectores progressistas da pedagogia, era acompanhado pelo conhecimento sobretudo dos seus mais curtos textos de temática educacional e pela separação entre a operacionalização de práticas e métodos e as implicações políticas e a ‘filosofia teórica’ de Dewey; o seu pensamento sobre estética, epistemologia, ontologia e mesmo ética (para citar divisões habituais) foi ignorado, não se devendo no entanto esquecer a real importância filosófica do livro de 1916 *Democracy and Education*. É verdade que mesmo nos próprios textos de AS as referências a Dewey são escassas, o que traduz por um lado o seu método geral (ilustrado pela imagem de juntar por um fio invisível uma série de pérolas que acabam formando um formoso colar e pelo pensamento de Pascal sobre a necessidade de considerar os extremos e a continuidade que resulta do interesse pelo ‘entre eles’, atitude que implica um perspectivismo não relativista e um ideal, simultaneamente plural e unitário, de Cultura) e por outro a sua percepção da conotação negativa do termo pragmatismo, essencialmente associado a uma noção relativista da verdade como sendo aferida pelo sucesso, concreto e imediato, da ideia, conceito muito simplificador do real pensamento de um Dewey.

A singularidade do pensamento educativo de AS, no quadro peninsular, consistirá não na absoluta originalidade das suas opiniões sobre os males e

¹⁶ AS 1939, p. 8, 9; o itálico é nosso. Pensamento idêntico surge num apontamento manuscrito num volume encadernado que contém os textos sobre educação dos anos de 1910 (exemplar único, de lombada verde com o título ‘Biblioteca de Educação’, que está na casa António Sérgio, em Lisboa à Lapa): “A verdadeira teoria não se separa da prática: é simplesmente a intelectualização da prática; por isso a prática se vai tornando cada vez mais teórica”. Dewey tinha, evidentemente, essa mesma posição: “When Dewey was eighty (1939), he engaged in a debate, at a meeting of the American Philosophical Association, with his old friend and Columbia colleague, William Pepperell Montague, in the course of which Montague complimented him for his life-long effort to practicalize intelligence. Dewey replied quietly but firmly that Montague was taking a narrow, inbred view - a philosopher's trade-union view, he implied - of what he, Dewey, had tried to accomplish. His effort had not been to practicalize intelligence but to intellectualize practice”, Depoimento de Charles Frankel em ELDRIDGE 1998, p. 5.

necessárias reformas do sistema educativo, mas na articulação entre as reformas propostas, que visam a questão social, o diagnóstico histórico dos males nacionais e a fundamentação filosófica de um pensamento sobre a Educação que aponta a um ideal humanista de valorização da dignidade, do crescimento da personalidade, segundo uma ética solidarista, de cooperação, negando o dualismo teórico/prático e afirmando uma postura experiencialista e valorizadora do activismo da aprendizagem, aprendizagem intimamente ligada ao trabalho, no seguimento da tematização proudhoniana desta noção, aspectos que estão em ressonância com a reflexão de um John Dewey; AS esteve sempre atento à psicologia social, à questão da reforma das mentalidades, e o seu pensamento pressupõe que a plasticidade do comportamento humano não nega a existência de predisposições básicas, de instintos (ou impulsos) aos quais depois se sobrepõem hábitos, contando-se entre esses instintos que mobilizam necessariamente a inteligência (e que não devem ser confundidos com automatismos), o instinto de cuidado com os semelhantes (altruísmo) e o instinto construtivo que gera a acção útil, teleológica e que ajusta e afina os meios aos fins numa acção concreta (e que se manifesta primariamente no uso e construção de utensílios, no uso do corpo, das mãos em particular), instinto que é acompanhado por um outro, mais contemplativo e fantasioso, o qual se associa à curiosidade desinteressada.

Durante a República, AS proporá uma pedagogia trabalhista e já no Estado Novo insistirá em práticas económicas cooperativas. A demopédia é o esforço da vida de Sérgio, e inscreve-se originariamente numa linhagem de pensadores que desconfiam da possibilidade da vida partidária ser capaz de resolver a questão social; essa desconfiança, patente em Proudhon e em Antero, é aliás comum a muitos pedagogos, encontrando-se por exemplo em Giner de los Rios, o fundador da *Institución Libre de Enseñanza*.¹⁷ No entanto, o experiencialismo sergiano, o seu pragmatismo absoluto, coloca os absolutos muito alto – no plano moral, e por isso durante o Estado Novo a intervenção política de AS será constante, com a participação na Liga de Paris que visa derrubar o regime, com a participação no MUD e com a tentativa de constituição de um partido (Frente Socialista) afim do Labor Britânico, tendo também expressão no plano internacional (movimentos pela Paz

¹⁷ JOVER, p. 85.

mundial, démarches junto da Sociedade das Nações, questão da formação do futuro estado de Israel, etc.).

SEGUNDA PARTE

**O FUNDAMENTO DO PENSAMENTO TRABALHISTA
SERGIANO**

“L’idée, avec ses catégories, surgit de l’action et doit revenir à l’action, à peine de déchéance pour l’agent ... toute connaissance dite a priori, y compris la métaphysique, est sortie du travail, et doit servir d’instrument au travail, contrairement à ce qu’enseignent l’orgueil philosophique et le spiritualisme religieux.”

Proudhon 1858

INTRODUÇÃO

Tem sido comum o enquadrar filosoficamente António Sérgio entre os pensadores idealistas. Tal classificação, que se faz reconhecendo a sua oposição ao positivismo cientista, ao bergsonismo e ao chamado materialismo dialéctico, tem deixado na penumbra traços essenciais do pensamento de AS, a sua valorização da prática, do trabalho humano e do papel da tecnologia, o seu profundo interesse por tópicos que são naturalmente associados com o pensamento de Proudhon e de Dewey. Ora, o seu ideário valoriza o activismo da ideia que se manifesta na acção concreta teleológica e livre em que consiste o trabalho humano que é elemento central da nossa dignidade e da capacidade real de interacção objectiva e de transformação, aspectos que AS liga à ‘razão pura prática’ kantiana. A reflexão filosófica sergiana tem por isso uma clara vertente de preocupação com as questões económicas, sociais e políticas. Tais reflexões devem ser colocados ao mesmo nível das suas considerações sobre o pensamento científico, ao mesmo nível do seu ‘platonismo ideal’, o qual implica um realismo construtivo resultado de um esforço constante de libertação na caverna platónica, o qual estudámos detalhadamente na nossa obra *Razão e Ciência em António Sérgio* (2004) - recordemos que Sérgio assume que as Formas (de que as relações da física-matemática são exemplares) são imanentes à Actividade-Mundo e que a inteligência se manifesta nas próprias entidades naturais ou artificiais - portanto, a tecnologia incorpora e manifesta inteligência.

Nesta parte começaremos por considerar a inspiração anterior na formação dos ideais socialistas de AS, tratando depois da tematização da noção de trabalho, partindo da filiação proudhoniana comum a Sérgio e a Antero, mostrando como a

concepção do trabalho humano que surge em *De la justice dans la révolution et dans l'église* faz de Proudhon um pragmatista avant-la-lettre. AS reconheceu também este primado da prática (intelectualizada) num importante debate francês sobre as origens da inteligência humana que ocorreu no princípio do século envolvendo Durkheim, Bergson, Louis Weber e vários outros pensadores; e por isso são seminais, no contexto português, as considerações sergianas, dos anos de 1920, sobre o experimentalismo português do tempo das navegações e das descobertas, bem como a sua breve análise dos factores materiais que favoreceram a Revolução Científica. Esta segunda parte não só mostra a preocupação com a fundamentação filosófica de um modelo antropológico que subjaz ao seu empenho numa Escola activa e na sua pedagogia trabalhista, como prepara o leitor para o estudo da terceira parte onde se cuida do pensamento ético sergiano e das suas reflexões sobre economia política, a sua aposta no Cooperativismo e numa economia centrada no consumidor, bem como as suas meditações sobre as relações entre ciência, tecnologia e economia no mundo capitalista do seu tempo, tomando como uma possibilidade real a da construção de uma sociedade de Abundância.

(...)

EPÍLOGO

António Sérgio afirmou sempre o interesse e até a predisposição da reflexão humana ao mais alto nível para a metafísica. Fichte havia ensinado, por exemplo na sua obra *A Destinação do Homem* (que o jovem AS leu atentamente, como se verifica por leitura das *Rimas*), como a formulação e adesão de um pensador a uma certa variedade de metafísica dependia da disposição mais íntima, da interioridade do filósofo. Ela depende dos interesses e da cultura, e no caso de Sérgio, esse interesse esteve sempre ligado a uma preocupação com o modelo antropológico, com aquilo que as várias ciências e saberes tinham a dizer sobre nós, do ponto de vista mais essencial. Reconhecendo com Pascal, a existência de várias ordens, e afirmando a especificidade

e prioridade do moral, da harmonia interior ditada pela voz interior da consciência, distinguindo assim o espiritual do meramente psíquico, o nosso pensador valorizou sempre o carácter activo e teleológico da acção humana que mobiliza a inteligência consciente, que permite uma reflexão sobre si mesma, e por isso atendeu às condições de possibilidade dessa acção, em particular às que derivam da sua génese e às que têm carácter funcional assegurando a homeostase na interacção constante com o ambiente (social, natural e tecnológico); condições que se ligam à especificidade da nossa espécie onde o sapiens e o faber se constituíram dialecticamente (sendo que a construção de instrumentos e seu aperfeiçoamento, tanto quanto o desenvolvimento da linguagem, foi decisivo para a espécie tal como o é a motricidade no desenvolvimento infantil). A interacção constante, nas sucessivas situações problemáticas implicou sempre esforço resolutivo, onde é central um poder, impulso ou instinto construtivo ou de fabricação; portanto a nossa dignidade enquanto pessoas, seres capazes de se elevar ao racional, envolve essencialmente essa nossa predisposição para uma criação/acção que respeita a objectividade das relações naturais, mobilizando-a para os fins humanos. Assim ao trabalho humano, concebido de modo criativo e nos antípodas do trabalho alienado que abunda na época da máquina, é dado um papel fundamental na nossa existência enquanto seres vivos e enquanto seres expressivos, criativos e morais. A intelectualização da prática que se opera no crescimento da nossa experiência deve estar acessível e fazer parte da existência de todos nós, e se na criança ela se liga intimamente ao espírito de jogo, nos adultos, liga-se a propósitos mais concretos e consiste no exercício do trabalho. Esse trabalho não deve ser fundamentalmente rotineiro ou meramente gerador de hábitos e tal é bem patente na atitude experimentalista. Assim as considerações de AS aqui estudadas formam um arco: a valorização do experimentalismo português e do de Galileu, que AS engloba numa corrente mais geral de Humanismo crítico, resultam directamente do interesse com que o pensador português leu a literatura francesa relativa ao interessante debate que analisámos neste capítulo (e claro da matriz pragmatista do seu ideário, inspirada de Proudhon e dos pedagogos-filósofos da Educação Nova), no qual se valorizam os aspectos mais práticos e concretos na compreensão a génese e significado da inteligência humana. Este arco, que existe à luz de uma concepção unitária da Razão humana, prolonga-se até à ciência, forma superior de actividade humana pelo que permite de construção da objectividade, na qual a curiosidade desinteressada se manifesta de modo mais acentuado. AS, por

conceber dinamicamente e problematicamente a nossa interacção com o ambiente, censurou sempre as filosofias do conceito (cujo paradigma é taxonómico-aristotélico, favorecendo o estático da imutabilidade dos géneros e espécies pré-existentes) e afirmou-se favorável à filosofias da relação que afirmam que o saber se constitui por adensamento de uma malha de relações que se constrói de modo hipotético e que portanto está sujeita a remodelações e a revoluções, actividade a qual é também um modo de trabalho. Vale a pena transcrever uma sua anotação dos anos de 1940, na qual AS estabelece uma ponte entre a sua concepção do saber como construção (e reconstrução) e a sua leitura da significação profunda dos ensinamentos de Sócrates e de Platão:

Enquanto durar a psicologia do intelecto do tipo sistematizado pelo estagirita (e segundo a qual o próprio da inteligência consiste em por *abstracção* obter um conceito, extraíndo-o de um concreto imediatamente dado) há-de ressurgir o anti-intelectualismo ... Quanto a nós o movimento mental é precisamente o oposto, quer dizer: a função característica da inteligência é a construção progressiva do universo *concreto*, a partir das simples qualidades sensíveis, graças à acumulação de relacionações inventadas, de fecundas hipóteses; e cremos que tal modo de ver as coisas, se nos leva a rejeitar de maneira absoluta a psicologia da inteligência do aristotelismo e todas as variedades do filosofar conceitual, acomoda-se com as doutrinas de Platão e de Sócrates, vistas como contrapólo do pensar de Aristóteles. Assim como o objecto da percepção e da ciência não é *dado* imediatamente ao intelecto humano (ao que nós pensamos), mas resulta de uma construção da inteligência inventiva: assim também a virtude de um sages, vem a ser uma construção do seu eu racional ou espiritual. Ora, a construção racional da virtude é talvez a ideia essencial de Sócrates. Sócrates e Platão descobriram o espírito, e a vida ordenada consoante o espírito.¹⁸

¹⁸ AS, E. VI, nota H, p. 50-51 (nota 8, p. 280 da 1ª edição).

TERCEIRA PARTE

MORAL, CAPITALISMO, COOPERAÇÃO, TÉCNICA E O LIMIAR DE UMA NOVA ERA

“O que primariamente nos falta não é o capital nem a técnica: o que nos falta é justiça.”

“Foi pelos fins da primeira guerra mundial que no país de maior avanço técnico do Mundo se entrou numa nova era da história humana: a Era da Abundância.”¹⁹

INTRODUÇÃO

Recordemos que AS iniciou a sua carreira no mundo das letras com uma obra sobre Antero de Quental onde refere com apreço as ideias socialistas do nosso grande poeta-filósofo as quais, como é sabido, são muito inspiradas pelo pensamento de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). Como vimos, o jovem Sérgio estudou *De la justice dans la révolution et dans l'église* e outras obras do socialista libertário francês que, com a ideia do mutualismo, pretendia eliminar o Capitalismo e o Estado; a proposta sergiana de uma pedagogia trabalhista, a qual incorpora muito do saber desenvolvido no quadro do movimento da Escola Nova (em particular das contribuições da psicologia funcionalista de Claparède, do enquadramento filosófico fornecido pelos textos de John Dewey e, no aspecto mais organizativo, de Kerschensteiner) muito deve à crítica e metafísica do trabalho que Proudhon nos havia deixado. Mas a concretização dos seus ideais pedagógicos, que comungava com outros pedagogos entre os quais há que destacar Faria de Vasconcelos, encontrou obstáculos, no plano das mentalidades e dos meios, no quadro da Primeira República, apesar de AS ter passado pela pasta ministerial da Instrução, obstáculos que cresceram com o Estado Novo. Se os seus ideais pedagógicos careceram de concretização, foi com o seu empenho, durante o período de oposição ao Estado Novo, na causa cooperativista que conheceu o seu maior sucesso cívico, que pôde constatar em vida.

Durante o exílio parisiense, AS veio a aprofundar as suas meditações sobre temas sócio-económicos. Desde cedo, AS foi sensível às desigualdades e injustiças,

¹⁹ Sempre que exista edição moderna, citarei a partir dela. Abreviaturas e convenções: AS – António Sérgio; cf. – confira; p. ex. – por exemplo; cap. – capítulo; SN – revista *Seara Nova*; E. – *Ensaio* (oito volumes); IHP – *Introdução à História de Portugal*, 1941; DDD – *Diálogos de Doutrina Democrática*, circa 1933 contidos no volume *Democracia*; SSC – *Sobre o Sistema Cooperativista*; C3H - *Cartas do Terceiro Homem* (1953-1957); AntSoc - *Antologia Sociológica* (Cadernos 1 e 2 de 1956, restantes de 1957); PatCom J. - *Pátio das Comédias* Jornada Número N (publicadas seis Jornadas, a última das quais é uma reescrita de parte da sua peça de teatro *Antígona*, 1958). Todos estes textos foram reeditados pela editora Sá da Costa.

A primeira epigrafe é uma citação de AS, em PatCom J. V, p. 329 (de 1958). A segunda é uma nota a lápis no seu exemplar da obra de Jacques Duboin (1935), *En route vers l'abondance*.

que tiram à maioria a sua dignidade e os condenam à miséria, num regime dominado pelo Capital, que busca incessantemente a sua reprodução através do Lucro, de que a utilização abusiva da instituição da propriedade é um exemplo maior. Durante o Estado Novo, AS desenvolveu as suas críticas ao sistema capitalista, fez a apologia dos ideais cooperativistas (que praticou activamente como o mostra a obra de Hipólito dos Santos), inscreveu essas considerações numa reflexão de base ética, e salientou que se vivia um período histórico que, considerado à escala global, era único na história humana por nos encontrarmos no limiar de uma era da Abundância, a qual se tornaria possível pela via da planificação socialista que aproveitaria os progressos da Técnica.

No que se segue, apresenta-se uma visão integrada das críticas sergianas ao sistema económico dominante, mostrando que elas se baseiam num eticismo radical, o qual se apoia no seu pensamento trabalhista e numa fundamentação ética não-utilitarista. Retomaremos os primeiros escritos de Sérgio, que antecedem as reflexões de Proudhon que enaltecem o trabalho humano, analisando as considerações sobre o altruísmo, atitude ética, que surge em todo o seu esplendor nas *Rimas* e nas *Notas sobre Antero*, à qual se associam os nomes de Kant, Fichte, Schopenhauer, Fouillée e Guyau. Sérgio propõe uma moral dialógica e personalista, eminentemente social e que se harmoniza com um ideário experimentalista/pragmatista, o que converge numa filosofia social solidarista, para a qual as sociedades entre pessoas se fazem por contrato voluntário, inspiradas pelo imperativo categórico que propõe o critério de universalidade (que implica a reciprocidade) para verificar que nas relações sociais não tomamos os outros como meros meios de nossos fins egoístas. O autor dos *Ensaíos I* preocupou-se sempre com a fundamentação da moral e adoptou, no essencial, a dada por Kant, assente nas noções de dignidade e autonomia da pessoa, a qual é capaz de se elevar à objectividade do juízo racional, no quadro da sociedade que integra, dirigido pelo imperativo categórico e por um pendor científico, juízo que corresponde à tendência unitária da Razão e que em actos se vai exercitando, sempre com um ideal veritativo e totalizador como guia. Para AS é axial a distinção entre Razão e inteligência, estando esta associada ao determinismo quantitativo das ciências físicas (que é apenas uma das fontes da objectividade, de natureza parcial porque assente em pressupostos de reducionismo, cuja extrapolação, indevida, às coisas humanas favorece a naturalização do status quo), enquanto que a Razão é um pendor para uma harmonia superior na qual as pessoas estão em primeiro lugar, buscando-se sempre, numa atitude experimentalista e unificadora da vontade, do sentimento e da representação, a elevação espiritual (e portanto material) das pessoas. A ciência ganha o seu sentido, numa perspectiva de humanismo integrador, por se associar, num ideal veritativo, à teleologia ética, e esta associação que traduz o ideal da Unidade da

Razão é a condição de possibilidade da construção do Bem Soberano, de um Reino dos Fins na Terra. Tal é fundamental para compreender a recusa sergiana de toda a perspectiva instrumental das nossas capacidades superiores, que precisamente têm na ciência um exemplo paradigmático.

De seguida, entraremos no campo da economia política, campo que para AS se deve entender como condicionado essencialmente por preocupações holísticas, éticas e sociológicas. Nas suas interpretações históricas feitas durante a Primeira República AS havia já valorizado os aspectos económicos e sociais. Ora, a grande aposta de Sérgio durante o Estado Novo foi o Cooperativismo e a sua prática foi acompanhada por um interesse genuíno pela teoria. Surge pois com naturalidade o interesse pelo pensamento cooperatista de Charles Gide, que possui um carácter aberto e valorizador do experimentalismo, tendo sempre como fito o uso da economia como veículo para a elevação moral. Passa-se em seguida à crítica do capitalismo: Sérgio, que subscrevia muitas das análises de Proudhon e de Karl Marx sobre a origem das desigualdades, está muito consciente da presença nas sociedades contemporâneas de sistemas de dominação baseados numa estrutura classista, preocupação maior onde se irmanará com Simone Weyl, e subscreve o carácter determinante das relações económicas no estabelecimento e manutenção das desigualdades, as quais no caso português são acentuadas pela ideologia corporativa que escuda um capitalismo monopolista dominado por uma pequena oligarquia. Um dos aspectos muito originais do pensamento sergiano é o de adoptar o ponto de vista da abundância nas suas reflexões de economia política, realçando a oposição entre capitalismo e a possibilidade real de uma economia da abundância para todos, aspecto muito patente nos seus textos dos anos de 1930-1940, e cuja fonte última se encontra porventura nos trabalhos de Thorstein Veblen que inspiraram os Tecnoocratas norte-americanos e o distributivismo de Jacques Duboin. Para finalizar, consideraremos o humanismo holista e ecologista, que domina os textos da década de 1950, o qual integra superiormente, no plano aplicado/prático, as suas grandes intuições filosóficas, o seu platonismo que dá a primazia ao Todo e a uma filosofia da relação.

(...)

EPÍLOGO: SOCIALISMO ÉTICO, HUMANISMO E DESENVOLVIMENTO

Na década de 1950, o já septuagenário António Sérgio participa activamente na oposição ao regime ditatorial, nomeadamente lançando a campanha do general Humberto Delgado e intervindo civicamente nos jornais e incentivando o movimento cooperativo; são deste período uma série de pequenos textos que surgem inicialmente publicados em jornais como a *República* e o *Diário de Lisboa* e que depois são editados em cadernos, intitulados *Antologia Sociológica* e *Cartas do Terceiro Homem*.

Uma das causas concretas que suscita a intervenção de AS é a seguinte – A construção de barragens no Vale do rio Cávado (um afluente do rio Douro) teve por consequência a destruição de aldeias, caso de Vilar da Veiga; a população humilde protestou sem nunca ser escutada pelos poderes instituídos e António Sérgio usou a sua pena para dar voz a essas populações. Eis um excerto onde Sérgio defende uma perspectiva ecologista:

No conceito humanista, o ‘melhoramento material’ – para ser de facto um bem – há-de estar integrado num pensamento Unitário. Quero eu dizer: por um lado, há-de pensar-se incluído numa concepção científica, numa visão das coisas em seu todo orgânico, que abranja o conjunto das relações recíprocas dos variados aspectos da natureza física na porção da Terra onde se constrói a obra; com melhores palavras: há-de ver-se a Natureza como sendo Una. Por outra banda, cumpre que o político e o construtor das ‘obras’ concebam os aspectos da Natureza física à luz do préstimo que porventura ofereçam para o aumento da felicidade dos seres humanos, - do bem espiritual, do bem sentimental, do bem económico dos que na região habitam, e muito particularmente dos que são mais pobres. A Natureza encarada na sua real unidade, e posta ao serviço da unidade humana. Sempre que se mete a construir represas, o que leva em mira um engenheiro humanista não pode ser unicamente o fabricar energia: é o modificar o rio, a terra, os espíritos, para maior felicidade de todos os seres humanos – de todas as pedras vivas – que habitam na região onde se eleva o açude: e isto com a colaboração voluntária do povo, com recurso à iniciativa de todos os habitantes do vale. A população, a terra, a vegetação, a água, têm de ser consideradas na sua totalidade e unidade, para que possam desenvolver-se de uma maneira harmónica. Cumpre não esquecer que o que no rio ocorre depende em grande parte do que se passar na terra, - do género de culturas a que se dedica o rústico, do tipo de instrumentos que na lavoura emprega, da porção do arvoredo que os indivíduos cortam. O agrónomo, o educador, o sociólogo, o artista, os habitantes isolados, os sindicatos, as cooperativas, hão-de pois de colaborar com o engenheiro hidráulico no mesmo pé de importância que se conceder a este, todos eles animados de nobre intenção filantrópica, de boa mentalidade humanista. O gerar energia não é um fim em si, como o não é a restauração da fertilidade do solo, como o não é a arborização dos pendores das colinas, como o não é a navegação que se há-de fazer no rio, como o não é a abertura de canais de rega; tudo isso se realizará por uma visão de conjunto, por vasta acção coordenada, com a plena inteligência da interdependência de tudo, para maior bem do povo. Só a elevação do povinho – a sua elevação imediata, a sua elevação desde já, sem se sacrificar qualquer grupo, qualquer justa aspiração, qualquer homem, - é que é um fim em si.

Vista isoladamente, considerada pois em si só, e não como um factor de um sistema de recursos, dentro do conjunto de um caso social pendente, creio que a electricidade pode vir a ser desastrosa: porque o fomento da actividade industrial de um povo, graças ao fornecimento de muita energia eléctrica, sem contar com a unidade do viver económico e com a orientação mais conveniente para um certo grupo humano, pode levar ao destroço dos seus recursos físicos, e agravar as desigualdades e injustiças sociais.²⁰

Em resumo: aqui, como no mais, evite-se sacrificar a honestidade à pressa, o útil ao vistoso. Em todos os problemas, busque-se primeiro uma ampla visão de conjunto, de acordo com a ideia da interconexão das coisas, - com a da unidade geográfica, a da unidade ecológica, a da unidade humana, - visando-se a ponderar numa solução de equilíbrio as variadas exigências dos pontos de vista vários. E sempre agindo à luz clara, ouvindo sempre os que sabem, chamando o homem do povo a colaborar com os técnicos, a tomar iniciativas, a governar-se a si próprio; criando possibilidades de convivência cívica, sem oprimir o pensamento de quem quer que seja, sem a ideia de dividir o agregado social em inertes espectadores e em caudilhos natos.²¹

O humanismo sergiano está ancorado numa reflexão filosófica. Ora, Sérgio estava consciente de que o modo sistemático como ele pressupunha as relações entre as concepções metafísicas (as quais possuem uma função simultaneamente heurística, reguladora, e fundacional), as considerações éticas (o seu personalismo ético ligado a um socialismo libertário que advoga o cooperatismo) e o tratamento de problemáticas contemporâneas, em particular o seu esforço crítico de elucidar questões históricas, sociais e económicas e de apontar rumos novos, não implicava, junto dos restantes *compagnons de route*, uma mesma adesão a determinadas concepções de metafísica, que se sintetizam nas noções de Uno-unificante, sinónimo da Razão, e de Actividade-Mundo, noções que salientam a prevalência ou anterioridade do Todo; e por isso, em muitos dos seus textos, essa fundamentação está ausente, ou surge apresentada de modo dubitativo, hipotético, com função reguladora ao apontar direcções de inquérito. Uma das dimensões da atitude holística sergiana é a da necessidade de prosseguir a investigação problemática em diversas direcções e domínios, o que ele amiúde ilustrava com duas máximas: de Goethe : “Se queres caminhar para o infinito, - caminha no infinito em todos os sentidos”; de Pascal: “On ne montre pas sa grandeur

20 AS C3H Carta nº XXII, p. 221-222. AS nota que “foi este critério humanista e unitário que inspirou a Junta do Vale do Tennessee” [de que um dos 3 directores foi David Lilienthal, o qual escreveu o livro *T.V.A.* editado pela Penguin Books].

21 AS C3H, Carta nº XXX, p. 256. Cf. AS 1941 IHP, p. 14. “Willst du ins Unendliche schreiten, Geh nur im Endlichen nach allen Seiten”. In Goethe, W. (1827) *Ausgabe letzter Hand*. 1827, secção : Gott, Gemüt und Welt. O excerto de Pascal pertence ao número 353 da edição dos *Penseés* de Léon Brunschvigg de 1897 (Paris).

pour être à une extrémité, mais bien en touchant les deux à la fois et remplissant tout l'entre-deux".⁴⁵

Essa atitude filosófica ilumina e guia as apreciações críticas sobre a história, a economia e a organização da sociedade. Tal atitude surge na *Introdução geográfico-sociológica à história de Portugal*, único volume publicado de um projecto maior, de que se previam nove volumes, o último intitulado *No Limiar da Era da Abundância*.²²

Os aspectos cognitivo e ontológico desta anterioridade ou prioridade da Totalidade, ou da afirmação do todo como única realidade de que as partes que são aspectos abstractos, é bem sintetizada nas *Divagações proemiais*, assinalando o seu valor regulador (no sentido kantiano) e as suas implicações humanistas:

Ou muito me engano, ou conhecer uma coisa é relacioná-la com as outras, com o todo estruturado em que tem seu lugar, que logicamente precede a parte, de que a parte não é mais que um abstracto e um aspecto, e onde tudo se encontra em relações recíprocas; é integrá-la num sistema de relações inteligíveis e construir para ela um significado ou forma, pela organização de representações que têm significação também. Ao que julgo provável, o genuíno 'universal' é a ligação com o todo: não é a ideia geral, não é a noção abstracta; e o pretendo 'imediato' pressuporá o todo, que será o imediato autêntico. Parece-me a civilização uma estrutura una (e inclino-me a supor com origem una) em que cada uma das comunidades é influenciada e influencia. A história de qualquer das nações do Mundo é uma face da história humana, processo integral em que se incluem todas ... Ora esta orientação de integrar no conjunto, tomado como realidade única, se traz um aumento de inteligibilidade à História, confere-lhe, creio eu, um maior humanismo.²³

Para concluir, parece-nos justo afirmar que o limite e horizonte do pensamento sergiano é o de um humanismo centrado na construção e dignificação da pessoa, ser cuja existência no tempo e no seio das coisas não é incompatível com a estruturação da personalidade, com o viver estético e a capacidade de se elevar à objectividade do juízo e da acção que garantem a construção contínua da justiça social. O humanismo sergiano manifesta-se no eticismo radical, que não descarta a análise crítica movida por um sentido da objectividade, e numa filosofia da cultura, plural nos seus

²² Este projecto de História de Portugal não avançou pois o primeiro volume publicado foi apreendido pela polícia de Salazar (a sua *Breve Interpretação da História de Portugal* também só viu a luz, em edição portuguesa, após o derrube do Estado Novo, em 1974). As reflexões de AS sobre aquilo que se poderia designar por holismo aplicado e humanista encontram-se dispersas pela obra de AS; cf. AS IHP, p. 12-13, 70, 130, 182-184, 203, 206, 235, 241, 270.

²³ AS 1941 IHP, p. 13.

interesses e integradora, implicando a atitude indagadora e experimental e a largueza de espírito.